

Duas expectativas sobre o alcance da graça

“O que é impossível para os seres humanos é possível para Deus.”

Lucas 18.27 · NAA

Leitura prévia: Colossenses 1.13-14; 1 João 3.4-10; Tiago 2.14-26; Gálatas 5.6

Bispo Ildo Mello

Fomos libertos, ou seguimos escravos?

Todas as tradições cristãs concordam que Deus ordena a santidade. Todas concordam que a graça perdoa. A divergência começa quando se pergunta: quanto a graça pode fazer nesta vida?

“Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor.” Se fomos transportados, o endereço mudou.

Cl 1.13

“Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo.” Se foram destruídas, alguma coisa mudou de fato.

1Jo 3.8

A pergunta é: mudou o quê, exatamente? Mudou apenas a nossa posição legal diante de Deus, ou mudou também a nossa capacidade real de viver em santidade?

Uma palavra sobre os nomes, antes de tudo

É comum, em livros wesleyanos, chamar de pessimista a tradição que nega a possibilidade da inteira santificação nesta vida. Evito esse rótulo, porque ele decide a discussão pelo vocabulário e descreve mal quem discorda de nós.

POSIÇÃO A

Tradição não perfeccionista

Sustenta que a santificação permanece necessariamente incompleta até a glorificação, e enfatiza a permanência da corrupção interior no crente até a morte.

Lutero, Calvino e herdeiros

POSIÇÃO B

Tradição wesleyana da perfeição cristã

Sustenta a possibilidade de uma santificação plena no amor já nesta vida, sem negar as limitações, a tentação e a possibilidade de queda.

É preciso ser justo com a primeira tradição, porque ela tem preocupações legítimas. Ela protege a doutrina da graça, evitando que a pessoa passe a confiar na própria santidade em vez de confiar em Cristo. Protege contra a arrogância espiritual, e a história está cheia de gente que se julgou sem pecado e se tornou insuportável. E é honesta com a experiência, porque a maioria dos cristãos encontra mais fracasso do que gostaria.

O preço dessa ênfase

1. Auto-indulgência

Quando a derrota é normalizada teologicamente, ela deixa de incomodar. A pessoa aprende a conviver com pecados que deveria estar combatendo, e a chamar essa convivência de realismo.

2. Complacência pastoral

O pastor que crê que ninguém pode mesmo vencer determinado pecado deixa de exortar, deixa de crer que valha a pena orar, e acaba oferecendo apenas consolo onde deveria oferecer também esperança.

3. Santidade reduzida a status

Se santidade é sinônimo de justificação, a exortação bíblica à santificação fica sem objeto, e as centenas de exortações apostólicas ao esforço e à vigilância passam a soar como retórica.

Wesley identificou o problema com precisão. Ele reconhecia nos batistas do seu tempo a coerência de exigirem arrependimento para a conversão, mas não entendia por que deixavam de exigir arrependimento e santidade depois dela. Se o pecado é grave o bastante para exigir arrependimento antes, por que se torna tolerável depois?

O otimismo wesleyano da graça

Wesley reconhecia os efeitos da Queda tão seriamente quanto qualquer reformador. Ele não era um humanista otimista sobre a natureza humana; era um pessimista quanto ao ser humano e um otimista quanto à graça.

“A maior força da doutrina wesleyana da perfeição talvez esteja em sua habilidade de mobilizar os crentes a buscarem um futuro mais perfeito que supere o presente. Pois, mesmo estando consciente das forças do mal, Wesley não as considera consequências inevitáveis do pecado original, mas exatamente aquilo que pode ser vencido.” *Theodore Runyon*

Howard Snyder observou o mesmo em outra chave: Wesley via a graça de Deus atuando de maneira tão plena e abundante que ninguém deveria estabelecer limites para a ação do poder de Deus através da Igreja na era presente.

Preciso qualificar uma frase que costuma ser citada nesse contexto: a de que os calvinistas falam muito da graça soberana de Cristo, mas falham em perceber o seu poder transformador. Formulada assim, ela é injusta. A tradição reformada tem uma doutrina robusta da mortificação, da vivificação e da união com Cristo; Calvino e os puritanos escreveram sobre transformação do caráter com uma seriedade que poucos igualaram. O ponto real da divergência é outro: até onde essa transformação pode alcançar o coração antes da glorificação.

A varanda, a porta e a casa

Wesley usava uma imagem doméstica para explicar a estrutura da salvação. Vale citá-la como ele a escreveu, em *Os Princípios de um Metodista Melhor Explicados*, de 1746.

“As nossas principais doutrinas, que incluem todas as demais, são três: a do arrependimento, a da fé e a da santidade. À primeira consideramos, por assim dizer, a varanda da religião; à segunda, a porta; a terceira é a própria religião.” *John Wesley, 1746*

Arrependimento na varanda. Fé na porta. Santidade dentro de casa. Repare no que a imagem faz: ela não diminui o arrependimento nem a fé; apenas mostra que nenhum dos dois é o destino. Ninguém constrói uma casa para morar na varanda, e ninguém passa a vida em pé na soleira da porta.

É comum, entre nós, adaptar a imagem para incluir a graça preveniente na varanda, a justificação na porta e a santificação nos cômodos. A adaptação é útil e diz coisa verdadeira, mas convém saber que ela é nossa, e não de Wesley. Ele estava falando de três doutrinas que pregava, e não das etapas do *ordo salutis*.

De qualquer maneira, o ponto pastoral é o mesmo nas duas versões: muita pregação evangélica trata a porta como se fosse a casa inteira. Fala-se da conversão como se ela fosse o objetivo, quando ela é a entrada.

Falar em esforço não é voltar à salvação por obras?

O que Wesley afirmava sobre a condição da justificação.

“A condição da nossa justificação é a fé somente e não as boas obras; visto que todas as obras feitas antes da justificação têm nelas a natureza do pecado. Por fim, que a fé, que é a única condição da justificação, é a fé que está em nós pela graça de Deus.” Mais claro do que isso, impossível: não somos justificados por obras.

E o que ele acrescentava.

Que não basta crer como assentimento intelectual, pois é preciso confiar de modo a se entregar e obedecer. Tiago já dizia que a fé sem obras é morta (Tg 2.26) e observava, com ironia, que os demônios creem e tremem (Tg 2.19). Se crer fosse apenas concordar, os demônios seriam cristãos.

O que tem valor, então?

“A fé que atua pelo amor” (Gl 5.6). É a fé que se converte em ação: a mulher do fluxo de sangue que estende a mão, Zaqueu que desce da árvore e devolve o que roubou, Abraão que sai da sua terra, o cego de Jericó que insiste em gritar. A todos eles Jesus poderia dizer o que disse a uma delas: “A sua fé a salvou” (Mc 5.34).

O equilíbrio wesleyano se sustenta em quatro pares que não devem ser separados: fé e obras; justificação e santificação; santificação pessoal e social; o agir de Deus e a responsabilidade humana.

Onde eu me situo

Deixo a minha posição explícita, porque é isso que se espera de quem ensina sobre o assunto.

1. O que concedo

A tradição não perfeccionista está certa ao afirmar que o crente permanece dependente da graça a cada momento, sujeito à tentação, capaz de cair e necessitado do sangue de Cristo até o último dia. Nada deste curso contradiz isso, e Wesley afirmava o mesmo com todas as letras.

2. Onde discordo

Creio que ela erra ao transformar a permanência da luta em permanência da escravidão. Há uma diferença abissal entre um soldado que enfrenta batalhas e um escravo que perdeu a guerra. O Novo Testamento descreve os cristãos como soldados.

3. Onde a discussão se concentra

A maior parte do desacordo se concentra na interpretação de um único texto: Romanos 7. É a ele que dedicamos a próxima aula.

Cartões de memorização

Frente	Verso
Onde o consenso se desfaz <i>Pergunta central</i>	Quanto a graça pode fazer nesta vida?
Tradição não perfeccionista <i>Nomenclatura</i>	Santificação necessariamente incompleta até a glorificação.

Frente	Verso
Tradição wesleyana <i>Nomenclatura</i>	Possibilidade de santificação plena no amor já nesta vida.
Três preocupações legítimas <i>Justiça com o outro lado</i>	Proteger a graça, evitar arrogância espiritual e ser honesta com a experiência.
Três consequências <i>Preço</i>	Auto-indulgência, complacência pastoral e santidade reduzida a status.
A incoerência que ele notava <i>Wesley</i>	Exigir arrependimento antes da conversão e não exigi-lo depois.
A força da doutrina <i>Runyon</i>	Mobilizar os crentes a buscarem um futuro mais perfeito que supere o presente.
A imagem correta <i>Wesley, 1746</i>	Arrependimento é a varanda, fé é a porta, santidade é a própria religião.
A adaptação é nossa <i>Cuidado histórico</i>	Graça preveniente, justificação e santificação é reconstrução contemporânea, não de Wesley.
Quatro pares <i>Equilíbrio wesleyano</i>	Fé e obras; justificação e santificação; santidade pessoal e social; agir de Deus e responsabilidade humana.

Avaliação

1. Por que a aula evita chamar de pessimista a tradição que nega a inteira santificação nesta vida?

1. Porque essa tradição não existe mais hoje.
2. Porque o termo é tecnicamente correto, mas pouco conhecido.
3. Porque Wesley proibiu o uso de rótulos.
4. Porque o rótulo decide a discussão pelo vocabulário e descreve mal quem discorda de nós.

Resposta: (d) Correto. As posições são nomeadas pelo que afirmam: não perfeccionista e wesleyana da perfeição cristã.

2. Quais são as preocupações legítimas da tradição não perfeccionista?

1. Preservar a autoridade eclesiástica e a ordem litúrgica.
2. Proteger a doutrina da graça, evitar a arrogância espiritual e ser honesta com a experiência.
3. Negar a possibilidade de qualquer transformação moral.
4. Reservar a santidade ao clero.

Resposta: (b) Correto. Reconhecer isso é condição para discutir o assunto com justiça.

3. Qual é a formulação correta da metáfora doméstica de Wesley?

1. Graça preveniente na varanda, justificação na porta, santificação nos cômodos.
2. Fé na varanda, obras na porta, amor na casa.
3. Arrependimento é a varanda, fé é a porta, santidade é a própria religião.
4. Justificação é a casa, santificação é o jardim.

Resposta: (c) Correto, conforme Os Princípios de um Metodista Melhor Explicados, de 1746.

4. Segundo Wesley, qual é a condição da justificação?

1. A fé somente, e não as boas obras.
2. A fé acompanhada de obras meritórias.
3. O arrependimento sincero, independentemente da fé.
4. A perseverança até o fim da vida.

Resposta: (a) Correto, e ele acrescenta que essa fé está em nós pela graça de Deus.

5. Qual é a posição explícita da aula ao final?

1. Que a tradição não perfeccionista está inteiramente equivocada.
2. Que ela acerta quanto à dependência contínua da graça, mas erra ao transformar a luta permanente em escravidão permanente.
3. Que as duas posições dizem exatamente a mesma coisa com palavras diferentes.
4. Que o assunto não pode ser decidido pela Escritura.

Resposta: (b) Correto. Há diferença abissal entre soldado que enfrenta batalhas e escravo que perdeu a guerra.

Para refletir

Que versão do cristianismo você recebeu: a que espera vitória ou a que administra a derrota? Como isso moldou a sua expectativa?

Vale identificar onde e com quem você aprendeu, porque quase sempre a expectativa foi herdada, e não examinada. Quem recebeu a versão que administra a derrota costuma chamar isso de humildade, quando muitas vezes é resignação com nome de teologia. E quem recebeu a versão que espera vitória precisa checar se aprendeu junto as fronteiras da doutrina, sem as quais a expectativa vira presunção. As duas heranças precisam ser examinadas à luz do texto.

Como você descreveria a posição reformada a um irmão reformado, de modo que ele reconhecesse a própria posição na sua descrição?

Este é um bom teste de honestidade intelectual, e o critério é simples: ele deve poder dizer “é isso mesmo o que eu creio”. A descrição justa inclui mortificação real do pecado, crescimento genuíno em santidade e poder do Espírito para vencer pecados concretos. O que a posição nega é a erradicação da corrupção interior antes da glorificação. Se a sua descrição transformar o interlocutor em alguém que prega a derrota, você descreveu a caricatura, e não a posição.

Para casa

Escrever, em meia página, a posição não perfeccionista na sua melhor versão, como se você fosse defendê-la. Só depois escrever a sua objeção a ela.

Próxima aula: Aula 10 — O enigma de Romanos 7. Quem é o homem miserável do versículo 24, e por que essa decisão exegética muda a pregação de uma igreja inteira.

Aula 9 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br